

Jovens da Amazônia: a vida nos espaços modificados pelas hidrelétricas¹

Youth from Amazon: life in areas modified
by hydroelectric dams

Edilene Santos Portilho²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Brasil

Resumo

A investigação busca conhecer os contextos socioculturais dos jovens que vivem nos espaços modificados pelas Hidrelétricas Tucuruí e Belo Monte, construída na Amazônia brasileira. Entende-se que o Estado juntamente com o capital econômico possui o poder de transformar profundamente paisagem em que habitavam as populações locais, gerando mudanças nos aspectos sociais e culturais. Sobre esta nova realidade se pergunta quais os desafios e condições de permanência dos jovens dentro dos espaços modificados pelas hidrelétricas. A metodologia de investigação centrou-se na observação participante e na vivência no cotidiano dos jovens produzidos por meio de conversas e entrevistas autobiográficas.

Palavras-chave: jovens, Amazônia, hidrelétricas, mudança.

1 Recibido: julio 14 de 2014. Aceptado: agosto 16 de 2014.

2 Doctora en Educación (Universidad Federal Fluminense/Brasil - Universidad de Lisboa/Portugal). Magister en Educación por la Universidad Agrícola Federal Fluminense. Licenciada en Ciencias Agrícolas. Trabaja en proyectos de extensión y de investigación en la temática: Enseñanza, Educación Artística, Educación Ambiental, Educación de Jóvenes y Adultos y Educación del campo y Estudios Amazónicos. Email: eu.portilho@gmail.com

Abstract

The research reported in this article seeks to understand the social and cultural contexts of young people living in areas modified by the hydroelectric plants Tucuruí and Belo Monte in the Brazilian Amazon. It is understood that the state along with economic capital had the power to profoundly transform the landscape in which the local people lived, generating social and cultural changes. Given this new reality, we ask what are the challenges and conditions for young people to stay within area modified by the dams. The research methodology focused on participant observation and exploring the daily lives of youth through conversations and autobiographical interviews.

Keywords: youth, Amazon, hydroelectric dams, sociocultural changes.

Introdução

O tema das hidrelétricas esteve presente na minha vida bem antes da minha presença nos meios acadêmicos. Nasci e cresci em uma família que vive à beira dos rios, nas proximidades da cidade de Tucuruí. A partir de 1985 entrou em funcionamento a Hidrelétrica de Tucuruí. O início de sua construção se deu no período da ditadura civil-militar (1964 – 1985). Essa hidrelétrica implicou em um contexto de mudanças geopolíticas (Rocha, 1998) redefinindo o território. Minha família e tantos milhares de outras famílias ribeirinhas, mais de trinta mil pessoas, inicialmente, foram obrigadas a se retirem de suas terras. Posteriormente outros milhares sofreram com o histórico de mudanças para outras áreas, quando perderam não apenas seus antigos territórios, perderam vínculos com pessoas e lugares. (Hébette, 2004; Magalhães, 1996)

Minha juventude transcorreu no desejo de buscar linguagens e elementos que me permitissem compreender o contexto em que conviviam milhares de pessoas afetadas com a realidade produzida pela hidrelétrica. Neste sentido este trabalho se situa em um momento reflexivo de quase três décadas. Essas reflexões ancoraram-se na convivência com os modos de vida e de linguagens das populações ribeirinhas tanto nas áreas da cidade como nas áreas não urbanas.

O objetivo desta investigação é perceber o contexto das mudanças impostas (geopolítica, temporais e relacionais) que afetam os espaços lugares dos jovens que habitam nas beiras dos rios em que foram modificadas. O interesse pela categoria juvenil está relacionada com a possibilidade de superar o "silêncio do campo dos estudos culturais sobre a juventude" (Carrano, 2009), especialmente na das culturas amazônicas.

A Hidrelétrica Tucuruí, bem como outros projetos hidrelétricos na Amazônia geram imensuráveis impactos sociais e ambientais, porém não tem como destino a geração de melhorias para as populações locais, uma vez que é priorizado o suprimento das demandas das indústrias que transformam matéria prima em commodities (Pinto, 2010; Martins, 1995).

A complexidade das mudanças das hidrelétricas vem afetando a biodiversidade e à reprodução dos modos de vida das populações ribeirinhas, camponesas, indígenas e quilombolas, pois ocorrem as inundações e também as tomadas das terras pelos grupos de maior poder econômico. Essa perda dos espaços e dos recursos naturais pelas populações locais é resultante da sobreposição das relações regidas pela lógica capitalista nas quais esses povos não se reconhecem. Pois os seus modos de vida são baseadas em relação direta com a natureza, onde se pratica a pesca e o agroextrativismo. Os seus vínculos com o lugar e a história são específicos e voltados à conservação ambiental. As populações que perderam as terras, geralmente, desenvolveram estratégias de mobilidade entre: a) êxodo rural - a saída para a cidade; b) aquisição de um lote em um assentamento rural; c) buscar permanecer nos espaços que não foram inundados.

A respeito do movimento demográfico das populações rurais no Brasil, há vasto estudo sobre as duas primeiras condições, sobre: o fenômeno do êxodo rural e as populações que são reassentadas em outras áreas. No entanto, apresentaram-se muito poucos estudos que se ocupam em compreender o contexto social daquelas populações que vivem na terceira condição, as que escolhem permanecer nos espaços modificados.

Neste sentido, esta investigação busca apreender aspectos do modo de vida das gerações mais novas em um contexto de mudanças das hidrelétricas e como participam da produção das novas lógicas socioespaciais. A compreensão dos acontecimentos nas vidas destas pessoas pode ser de grande importância para alcançar noções da heterogeneidade nas sociedades contemporâneas da Amazônia.

Serão destacados os temas de maior impacto aos sujeitos da pesquisa (os jovens) a partir dos dados produzidos no campo de pesquisa, no qual focou os modos de vida dos jovens de seus familiares. Seguiu-se o percurso reflexivo que inicialmente considerou a crítica de Henri Lefebvre (1978) sobre a dominação da natureza transformada para a apropriação da vida e o desejo por uma profunda transformação. Para o autor, deve-se reconhecer que a via cotidiana não se apresenta descolada do mundo do mercado e do estado (idem: 08). Posteriormente

ênfatiou-se o tema da “ancoragem” (Ramos, 2006), para buscar perceber quais os sentidos da permanência dos jovens nas áreas modificadas.

Em todo o mundo e não somente na Amazônia, os “projetos de desenvolvimento”, como as ferrovias, as rodovias, hidrovias e represas produzem os refugiados de desenvolvimento, que submetem as populações à dinâmica dos deslocamentos forçados. Esta lógica pode ser vista pela perspectiva de Cattani (2003: 09) quando afirma que os processos econômicos se regem pela lógica do capitalismo que cria formas complexas e dinâmicas de organização social em que as desigualdades dão novos significados e consequências materiais e estruturais. Uma nova lógica social e espacial de exploração são impostas à natureza, trazendo danos à biodiversidade e aos modos de vida dos povos afetados (Lefebvre, 1978).

O autor José de Souza Martins, em seu livro “A chegada do estranho” (1993) explora o fenômeno da falta de correspondência entre os empreendimentos de “desenvolvimento” e a cultura das sociedades locais camponesas e indígenas. Esse estranho demarca a história de violências diretas aos povos locais. As populações camponesas e ribeirinhas de hoje convivem com contextos tão violentos quanto aos contextos dos anos da colonização aos quais os indígenas sofreram (e ainda sofrem).

Os empreendimentos economicamente dominantes submetem as populações à perda das terras, seus antigos lugares-espacos de reprodução da vida, da convivência com a família e das condições de trabalho. Em muitos casos essas pessoas são influenciadas a retirar-se para as áreas dos grandes projetos em busca de trabalho. Ao mudar para as cidades, essas populações inevitavelmente são obrigadas a reproduzir uma nova dinâmica de vida nestes novos espacos-lugares, ou seja, novas “territorialidades” (Haesbaert, 2012).

Mudanças levam à homogeneização tanto da cultura e do espaco, o que afeta os significados da vida, dos modos de vida e da reprodução do sentido da natureza como o espaco lugar para os povos ribeirinhos. O espaco antes concebido como parte da vida e da cultura, quando retirado dessas populações passa a ser tratado apenas como “espaco de apoio”, o espaco produzido (Lefebvre, 1999) ou de produção para os grupos econômicos. Os empreendimentos de exploração mineral vêm degradando o solo e as águas transformando espaco em mercadoria, ou em moeda de troca dos interesses dos políticos e dos empresários do agronegócio e da mineração.

Exemplificando este contexto de mudança, a tese de Sonia Magalhães (2007) fornece uma importante contribuição para os aspectos ocultos de estudos sociais e ambientais desencadeados pela hidrelétrica de Tucuruí. A pesquisa ana-

lisa as falas das pessoas que perderam as suas terras, sendo forçados a deixar suas casas. A autora menciona a dimensão subjetiva das pessoas que sofreram danos dando ênfase à “magnitude do sofrimento” (Magalhães, 2007: 17), ocorre que o assunto não foi tratado com a devida importância.

As remoções das populações ribeirinhas são parte do projeto político que tem causado distúrbios na sociedade como um todo. A perda dos antigos territórios, a falta de políticas sociais e ambientais responde o alto índice de homicídios de jovens nas regiões afetadas. A morte dos jovens no campo e nas cidades torna-se o símbolo nacional da violência. Isto deveria causar preocupação à sociedade contemporânea para buscar compreender as reais necessidades e condições de vida das novas gerações.

Os estudos da juventude foram tratados pela sociologia como um elemento componente do sistema social, que tem como principal resposta relação à mudança que ocorrem nas sociedades em geral. Os jovens nas áreas da hidrelétrica, sem dúvida, são perturbados no processo histórico de desigualdades sociais e culturais. Cada vez mais são necessárias implementação de políticas voltadas para os jovens nestes contextos específicos.

Aspectos metodológicos

A metodologia da pesquisa se configurou em um levantamento teórico, que apresentou o aspecto generalista das mudanças ocorridas nas regiões tanto de Tucuruí como de Belo Monte (Magalhães, 1998; Pinto, 2010). Esta etapa revelou que há muito pouco de estudo que desenvolvidos nos contextos do cotidiano das populações. Nesta perspectiva desenvolveram-se um conjunto de dados produzidos com o enfoque antropológico. A abordagem empírica baseou-se na aproximação da Grounded Theory (Glaser e Strauss, 1967), ancorando-se nos dados produzidos no campo.

Foram realizadas entrevistas autobiográficas aos jovens e seus familiares valorizando no processo a abordagem, Além disto, foram desenvolvidos registros em audiovisuais: fotografias e vídeos, a fim de contribuir com o conhecimento do cotidiano ao falar de "coisas que a linguagem verbal não pode falar" (Pinheiro, 1995). As entrevistas individuais e rodas de conversas desenvolveram-se baseando em questões do cotidiano ribeirinho nos espaços-lugares de sociabilidade como os domicílios e os campos de futebol. O objetivo das entrevistas e das rodas de conversas seria recolher dados e opiniões sobre a as experiências dos jovens em suas práticas e modos de vida. Destas experiências se destacaram os temas: família, trabalho e diversão.

A reflexão de Cardoso de Oliveira, em seu ensaio "A obra do antropólogo: olhar, ouvir, escrever" traz esses momentos essenciais do ato da investigação. O olhar e ouvir, das imagens repetidas vezes revelam pequenos recortes da "realidade" (Cardoso de Oliveira, 1996: 133), permitindo assim a interpretação das "práticas", "estruturas", "representações" e "imaginário social" que caracterizam os modos de vida (Guerra, 1993:59) dos jovens. Os gestos e rituais revelam novas leituras da história cultural bem como uma melhor compreensão dos processos de mudança social dos impactos do colonialismo nas relações étnicas (Bittencourt, 1998: 200).

1. Ribeirinhos após a Hidrelétrica Tucuruí

O Lago de Tucuruí é parte das áreas que foram impactadas pela Hidrelétrica. Sendo formado em 1985, o espaço atraiu muitas famílias pescadoras das áreas da jusante e da montante porque foram represados tanto as águas e os peixes.

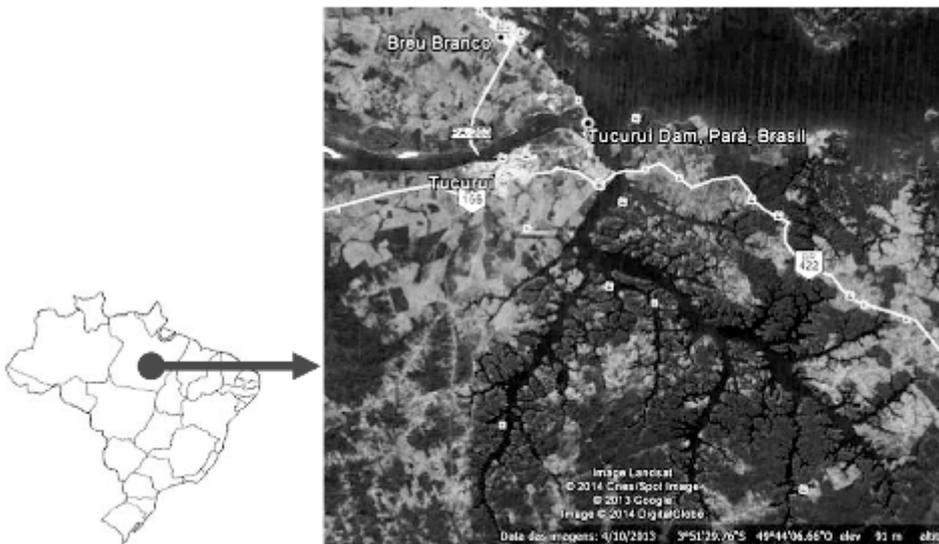


Figura 1. Esquema do mapa do Brasil e Imagem do Lago³

Antes da inundação da área ocorreu um fluxo intenso de pessoas para fora da área, deixando abandonas vilas e cidades. Após a inundação, no início da década de 1990, houve o fluxo inverso, muitas famílias foram atraídas para o Lago.

3 Imagem Landsat, 04/10/2013. Google earth.

A disputa pelas terras e pelos recursos formou na região um quadro de conflitos, pois além das perdas dos recursos e das terras, ocorreu a mudanças da estrutura agrária e ambiental.

Atualmente, os jovens ribeirinhos e seus familiares que vivem na região do Lago apresentam dificuldades em permanecer, porque há um conjunto de adversidades para a reprodução dos modos de vida. Contudo, estes mesmos jovens não se dizem desejosos de sair para a cidade. A maioria dos jovens entrevistados “experimentou” morar na cidade a fim de estudar e trabalhar.

Esses jovens apresentam baixa escolarização engrossando as filas dos desempregados das cidades. Depois, de ter tentado a vida na cidade muitos jovens voltam para o Lago porque enfrentaram uma série de problemas de vulnerabilidade econômica e social. Além disto, a distância da família e a falta de incentivos os fizeram escolher o retorno para o Lago. Neste retorno, os jovens buscam viver do trabalho da pesca e da roça. A grande parte reproduz a vida como beiradeiros sem terra. Pois, de acordo com a legislação aprovada após a formação do Lago, a terra não pode ser distribuída para fins de agricultura, por isso não há incentivo das políticas agrícolas. Mesmo assim, as maiores partes das terras são de propriedade do Estado. A outra parte é de domínio dos fazendeiros, criadores de gado, que derrubam as florestas para transformar em áreas de pasto para o gado.

Quando os ribeirinhos tentam entrar nestas beiradas para armar os seus barcos e formar as suas pequenas roças é provável que ocorra violências advindas dos empregados dos fazendeiros, a fim de expulsar as famílias pescadoras.

Estes dois tipos de domínio das terras pelo Estado e pelos fazendeiros acaba por retirar o direito de uso dos recursos pelos ribeirinhos dos espaços das terras e das águas. A seca sazonal acaba por aumentar as dificuldades enfrentadas pelos mais jovens que tentam permanecer na região. A falta de água potável, energia elétrica e serviços de educação e saúde desmotivam a melhoria da vida para os habitantes do Lago.

Quem vive no Lago são ribeirinhos que foram atingidos há mais de três décadas pelas mudanças advindas com a construção da hidrelétrica. As novas condições de vida é um desafio para todas as gerações, especialmente para os jovens quando eles são privados de oportunidades de trabalho e renda.

Para discutir o tema da permanência dos jovens ribeirinhos no Lago de Tucuruí, utilizei o estudo de Elsa Ramos realizado na França, que se pautou na em conhecer como os indivíduos constroem suas origens nas relações pessoais em

locais diferentes na vida. O estudo de Ramos (2006) analisa o discurso de quem saiu das áreas rurais de Paris, causando vários tipos de mobilidade: a) geográfica, b) temporal, c) relacionais. Os indivíduos que se deslocam e neste processo conseguem construir significados ligados à permanência a certos lugares. As pessoas constroem as suas origens, baseando-se na ideia de "raízes", que é para ser conectado a uma terra, a uma família. Além disto, as pessoas podem construir os significados da sua origem associando a ideia de "âncora", que serve para dar sentido ao permanecer no lugar. Enquanto a o conceito de raízes fortalece a ideia de uma origem fixa e permanente, a ideia de ancoragem expressa os aspectos mutáveis da identidade, onde os sujeitos são os protagonistas dos sentidos e das construções de suas próprias (re)definições de ser e de permanecer no lugar.

A reflexão focada na vida cotidiana dos jovens mostrou que o trabalho (a pesca e a roça) e a família são cruciais para a ancoragem dos jovens. O trabalho entre os jovens é o principal aspecto de reprodução da vida e da identidade, sendo a prática baseada na obtenção de produtos e processos pelas gerações.

Os ribeirinhos que vivem no Lago da hidrelétrica sofrem com a ausência de políticas de produção e de manejo ambiental que os permitam construir melhores perspectivas de futuro. A ausência de políticas sociais específicas comprometem a saúde e a reprodução cultural. A diminuição do número de filhos nas famílias dos jovens está associada à diminuição da quantidade de peixes e a seca sazonal, estes aspectos geram o aumento das dificuldades enfrentadas na vida diária. As ações governamentais quando existentes se apresentam fora das necessidades diárias e da realidade social e cultural.

O maior problema enfrentado é a diminuição dos recursos naturais e a diminuição de acesso aos espaços de florestas. As novas gerações aprendem a sobreviver com recursos naturais cada vez mais restritos. As perspectivas sobre o futuro dos jovens apresentam-se com incertezas e inseguranças: "Não há futuro mais pra esses adolescentes se eles forem querer sobreviver da pesca. Quero ver até quando eles vão resistir ficar aqui Se continuar assim ... no futuro a gente tá sabendo que quem vai sofrer nem somos nós, são as crianças de hoje que nem viram a realidade da fartura que já teve ..." (Lago de Tucuruí, setembro 2012).

2. Indígenas antes da Hidrelétrica Belo Monte



Figura 2. Mapa localização do rio Xingu e Hidrelétrica Belo Monte⁴.

Alguns indígenas do rio Xingu pediram aos visitantes para levarem presentes para eles. Receber presentes não faz parte das culturas indígenas, mas uma prática introduzida desde os tempos coloniais (o contato dos brancos com os índios foram facilitados com a oferta de espelhos e ferramentas, por exemplo) em que o "outro", poderia ganhar a obediência dos índios através de alguns "presentes".

A conquista da obediência dos indígenas foi uma estratégia utilizada não apenas no período colonial. Até mesmo a Norte Energia - a empresa responsável pela construção de Belo Monte Complexo hidrelétrico e das outras hidrelétricas na Amazônia - envia "coisas", os "presentes" para as aldeias. Esses "presentes" enviados aos nativos consistem em: refrigerantes, biscoitos, óleo de soja, açúcar, farinha, arroz, feijão, gasolina e óleo diesel. Constatei que estes tipos de produtos foram desembarcados em Araweté e Parakanã Xingu no início do 2012.

4 Fonte: <http://www.socioambiental.org/esp/bm/loc.asp>

Em alguns casos das aldeias que recebem biscoito, farinha, arroz e feijão ocorrem que os seus integrantes acham desnecessários ir para a roça plantar a mandioca. O uso desses "presentes" na alimentação leva tanto a inserção de diferentes hábitos alimentares, influenciando diretamente as novas gerações.

O próprio Estado, através de sua empresa (a Norte Energia) "naturaliza" ações altamente exploratórias e violentas, quando, por exemplo, tomam a decisão de começar as obras mesmo sem conhecer a dimensão dos problemas que serão desencadeados para as populações locais. Além disto, a fim de "agradar" os indígenas a empresa envia produtos de outra matriz de consumo, incompatível com a cultura dos povos locais como: o refrigerante e o óleo de soja, por exemplo.

Durante as brincadeiras, as crianças da aldeia estavam comendo biscoito e o fruto do ingá - Perguntei, de que vocês gostam mais: biscoito ou ingá? Rapidamente responderam: ingá! O ingá está associada a uma série de ações em que as crianças podem participar: subir na árvore para pegar o fruto, compartilhar uns aos outros ou até mesmo utilizá-los de diferentes formas na expressão lúdica da brincadeira. As árvores desse fruto estão distribuídas pelas beiradas do rio em que as crianças banham diariamente.

O biscoito industrializado e trazido da cidade é controlado pelos adultos. Os produtos de fora da aldeia simbolizam a imposição de outra cultura, que podem transformar os hábitos e a socialização dos indígenas. Estas transformações possuem um alto custo financeiro, além de ser a ponte para confusões nas aldeias.

Para eles, o que realmente tem importância é o seu território onde há as florestas, as roças, as árvores das quais podem se alimentar e vender os produtos colhidos. E os peixes presentes nos cursos d'água são os principais elementos que cotidianamente alimentam os membros da aldeia.

A fim de obter dinheiro, os indígenas investem na venda dos produtos coletados, mas o valor pago pelos atravessadores (aqueles que compram os produtos) aos indígenas é muito baixo. Desta forma, os indígenas entram na lógica do mercado a partir do princípio da exploração, pois repassam os produtos naturais no qual agregaram a sua força de trabalho e de saberes sem nenhum tipo de segurança ou reconhecimento por isto.

Quando eu estava de passagem por uma aldeia de Araweté que receberam os "presentes" da Norte Energia vi um grupo de mulheres de diferentes gerações, sentaram-se próximo aos arbustos, perto do rio. Senti-me desafiada pelo grupo de mulheres quando observava o descarregamento dos barcos que levaram os "pre-

sentes". Elas perguntaram o meu nome, de onde eu vinha, e o que eu estava fazendo ali.

Uma jovem mãe com seu bebê entendeu o que eu dissera e traduziu as questões das outras mulheres e as minhas respostas para elas. Eu disse a elas que eu estava de passagem, iria fazer uma pesquisa, realmente aquela viagem de duas semanas pelo rio Xingu seria para fazer uma sondagem das condições de vida das famílias e de suas expectativas em relação à hidrelétrica.

Disse à jovem índia que a minha família morava em Tucuruí. Quando eu disse o nome da cidade Tucuruí rapidamente a jovem associou a hidrelétrica, que fora construída há três décadas. Esta associação foi rápida porque se iniciavam as obras do Complexo Hidrelétrico Belo Monte, no rio Xingu.

As mulheres aparentavam estar preocupadas com o que poderia acontecer com elas próprias após a construção da hidrelétrica. As suas perguntas seguiram um fluxo de euforia: "E depois de hidrelétrica, o que aconteceu? Como construíram as suas casas? E água para beber? E a água do banho?"

Depois da barragem, no rio formou-se um grande lago, árvores e animais foram inundados. As pessoas tiveram que deixar as terras baixas. Mudaram-se para outras terras altas, cidades e vilas foram inundadas. A água do rio se tornou impróprio para consumo direto, sendo necessário construir os poços ou coletar as águas das chuvas para beber. As mulheres continuaram seus questionamentos: "E a água da terra? Essa nunca acaba?"

Nos períodos da seca, também secam os poços que abastecem as famílias. O nível da água fica muito baixo obrigando as famílias percorrerem grandes extensões para obter água. "E a Norte Energia continua mandando as "coisas" para as pessoas?"

A empresa estabelece uma relação de clientelismo com os principais grupos sociais que reivindicam seus direitos. Depois da construção as ações voltadas para melhorar a vida das populações afetadas são insuficientes.

A jovem e as demais mulheres estavam preocupadas, ressaltando naquele momento o que estava acontecendo com a senhora mais velha da aldeia, afirmavam que depois da história do Belo Monte, ela não dorme como antes. Foi notável não só a preocupação dessa senhora, mas de todas elas, desejavam saber sobre o futuro: "macaco, tartaruga, pássaro, morreram? E as pessoas morrem?"

Os traços de tristeza e angústia nos rostos das mulheres circularam ao som da palavra "morte", o passado e o presente confundiram-se entre o passado de

Tucuruí e o futuro de Belo Monte. As duas palavras adquiriram uma semântica: a morte/destruição. Aquele momento foi ocupado por um profundo silêncio. Após a pausa a jovem impressionou com outra pergunta: "Será que eles hidrelétrica, eu não acredito no mundo no futuro da criança?"

Eu não tinha certeza se entendi o que ela teria dito sobre o futuro do mundo ou do menino, a criança a qual ela carregava. De qualquer forma, a sua pergunta foi demasiado séria. Fiquei em silêncio. Mas as perguntas não terminavam, a menina pergunta novamente olhando nos olhos: "O que pensam as pessoas de hidrelétrica?"

Eu teria que dizer alguma coisa. Afinal o grupo de mulheres me impressionara. Eu disse finalmente: "não sei... Pensam em dinheiro..." A jovem afirmou intrigada: "Eles só pensam em dinheiro mesmo, eles pensam que o dinheiro é tudo!"

As reflexões sobre a sondagem aos ribeirinhos do rio Xingu foi significativo para desencadear um processo de pesquisa que durou quatro anos. Direcionei a pesquisa aos jovens que escolheram permanecer no Lago da Hidrelétrica Tucuruí, com uma abordagem teórico metodológica específica. Esta mesma pesquisa mostrou que os jovens sofrem o descaso da sociedade pela ausência de condições básicas de vida.

As mulheres perguntaram sobre as coisas fundamentais da vida, mostrando que conseguem questionar-se sobre sua vida pessoal e social, são, portanto considerados pensadores da sua própria vida. As perguntas sugeriram que o pesquisador tem a necessidade de se colocar sujeito em um processo investigativo, considerando os demais com o mesmo grau de importância teórica e conceitual daquele campo de pesquisa.

Conclusão

Os projetos hidrelétricos vêm afetando diretamente a reprodução da vida e da cultura dos povos amazônicos ribeirinhos que possuem modos de vida dependentes da natureza. Qualquer modificação no espaço que interfira no fluxo dos recursos naturais interfere nos meios de subsistência dessas populações. As modificações impostas pelos movimentos de modernização acabam afetando ou mesmo excluindo as populações de seus territórios impedindo a reprodução da cultura local.

No Lago de Tucuruí não ocorre a implementação de políticas que garantam uma sucessão de gerações no lugar. Os jovens que decidem ficar no Lago com seus familiares enfrentam graves problemas e dificuldades por falta de acesso

aos espaços das florestas, aos bens naturais. Também são ausentes políticas de inclusão dos ribeirinhos e ordenamento do território que amplie os horizontes dos mais jovens.

Após vários problemas não resolvidos em Tucuruí, a situação de violências e sofrimentos das populações locais parece se repetir em Belo Monte, mostrando que a falta de planejamento social e ambiental não é prioridade dos governos que implantam as hidrelétricas. Ambas as situações necessitam, minimamente, de ações que possam articular as necessidades econômicas aos aspectos culturais, sociais e ambientais de cada localidade em favor da minimização dos impactos sofridos pelas populações locais.

Referências Bibliográficas

- Bittencourt, Luciana Aguiar (1998). Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: Bela Feldman-Bianco e Miriam L. Desafios da Imagem. Campinas: Papirus.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. (1996). *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. Revista de Antropologia (USP), vol. 39, Nº 1, São Paulo.
- Carrano, Paulo (2009). “Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional”. In: M. Pontes Sposito (coordenação). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)* vol 1, (pp.179-228). Belo Horizonte: MG : Argvmentvm.
- Cattani, Antonio David (2003). “Desigualdades: os desafios para a sociologia”. In: F. Doubet, *As desigualdades multiplicadas* (pp. 7-13). Ijuí: Ed. Unijuí.
- Glaser, Barney & Strauss, Anselm (1967). *The Discovery of Grounded Theory*. Chicago: Aldine.
- Guerra, Isabel (1993). *Modos de vida: Novos percursos e novos conceitos*. Sociologia: Problemas e Práticas Nº 13, p. 59-74.
- Hébette, Jean (2004). *Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudos do campesinato na Amazônia*. Belém: EDUFPA. Vol. IV.
- Lefebvre, Henri (1999). *A cidade do capital*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Lefebvre, Henri (1978). *De lo rural a lo urbano*. Antologia preparada por Mario Gaviria. Barcelona: Cultura Libre.

- Magalhães, Sonia Barbosa (1996). “O desencantamento da beira - reflexões sobre a transferência compulsória provocada pela Usina Hidrelétrica de Tucuruí”. In: Magalhães *et al.* [Org.] *Energia na Amazônia - avaliação e perspectivas sócio-ambientais*. Belém: MPEG/UFPA/UNAMAZ, v.2, p. 697-746.
- Martins, José de Souza (1995). *O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira*. Tempo Social. Revista Sociologia. USP. São Paulo 8 (1), pp. 25-70.
- Martins, José de Souza (1993). *A Chegada do estranho*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- Pinto, Lúcio Flávio (2010). *A barragem da ditadura*. Belém: Edição do Autor.
- Pinheiro, Jane (1995). *Antropologia, arte, fotografia: diálogos interconexos*. In: Cadernos de Antropologia e Imagem. Número 10. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Núcleo de Antropologia e Imagem.
- Ramos, Elsa (2006). *L'invention des origines: sociologie de l'ancrage identitaire*. Paris: Armand Colin.
- Rocha, Gilberto de Miranda (1998). *Construção da Usina Hidrelétrica e a Redivisão Político Territorial na Área de Tucuruí*. Tese de Doutorado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.